

Apresentação do Dossiê

Gabriel de Santis Feltran¹

Neiva Vieira da Cunha²

“Tomar a cidade como plano de referência”, como nos diz Vera Telles nesse dossiê. Não para produzir modelagem teórica ou mesmo “teoria urbana”, que pudesse ser convenientemente setorializada em alguma disciplina, ou em alguma área de governo, algum segmento de mercado. A cidade como referência implica a busca por um diagrama de *relações* pelo qual se possa vislumbrar como se monta o problema social contemporâneo, bem como suas implicações públicas, políticas. Problema que, por estar cruzado por temáticas as mais diversas, das mudanças no trabalho às moralidades que o atravessam, de efeitos de estado e dinâmicas de mercado às transições religiosas, dos modos de racialização dos corpos, territórios e coletivos às maneiras de se regular a violência e os mercados ilegais, mas também de distribuir programas e “direitos” sociais aos pobres, riquezas maiores aos ricos. Feixe de problemas que, por demasiado complexos, não pode ser apreendido senão no miúdo das situações empíricas, a partir de pesquisa de campo. Essa a aposta desse dossiê.

As relações traçadas entre essas diferentes temáticas, a princípio díspares mas aqui todas presentes, não são, assim, criadas pelos pesquisadores. É o mundo no qual fazem pesquisa que as conecta. O artigo de Daniel Cefaï abre o dossiê, por isso, perscrutando questões centrais ao fazer etnográfico, que sustenta os argumentos de todos os textos aqui reunidos. Demarcam-se ali fundamentos da virada empírica da sociologia contemporânea, que toca em problemas epistemológicos nada triviais, aqui trabalhados no convívio com moradores de rua de Paris e aqueles que os atendem. É nessa interface empírico-analítica que aparecem, inscritos na própria experiência metodológica, os conteúdos em pauta: modos como se monta o problema público da vida na rua, central para a montagem da questão social contemporânea, de amplitude internacional. Questões políticas e intelectuais, portanto, que se inscrevem no próprio problema empírico a analisar e, por isso, abrem novas formas de compreensão.

1 Departamento de Sociologia – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – São Carlos – Brasil - gabrielfeltran@gmail.com

2 Departamento de Ciências e Fundamentos da Educação – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – Rio de Janeiro – Brasil – neivavieiradacunha@gmail.com

Os três artigos que seguem analisam situações exemplares desses entrecruzamentos teóricos, analíticos, políticos. A “Operação Sufoco” na *cracolândia* paulista, descrita por Taniele Rui, gera controvérsia midiática e reflexões improváveis sobre saúde e assistência, política urbana e repressão, religiosidade e direitos humanos, conectadas como um único dispositivo de governo urbano. Franjas do conflito ali estabelecido se desdobram em diferentes escalas de publicização, modificando os circuitos cotidianos de sujeitos e territórios urbanos; o mercado imobiliário está aquecido, ademais, e sempre à espreita. Como pensar os usuários radicais do *crack* a partir desses entrecruzamentos, como nomeá-los a partir dos efeitos que produzem? O *choque de mentes* de que nos fala Paulo Malvasi, tratando das interações entre adolescentes inscritos no “crime” e os profissionais que os atendem na Fundação Casa, bem como das dinâmicas que eles consideram moralmente adequadas, politicamente relevantes, socialmente aceitáveis, também delinea os limites que a linguagem usual sobre os “marginais urbanos” enfrenta. Impossível compreender, com palavras obtidas em manuais psicológicos e compêndios psiquiátricos, a *vida loka* dos jovens metropolitanos inscritos no “crime”.

O mesmo conflito de mundos se mostra no trabalho minucioso de Ana Paula Galdeano nos Conselhos de Segurança; é nos cotidianos de sua operação burocrática, seus debates inflamados, bem como das agências públicas, não-governamentais e de mercado ali representadas, que se constrói a mediação e a plausibilidade da convivência incivil entre esses diferentes: plausibilidade de uma ordem securitária, desigual, realmente existente. “Qual a sua profissão?”, pergunta o delegado. “Prostituta”. Mas com essa profissão, ele pensa consigo, como exigir reparação de uma “ofensa moral”? É desses conflitos, e seus desdobramentos analíticos, que se desdobra a análise do texto.

Situações assim não falam apenas das franjas liminares do ordenamento social; seguindo a bibliografia contemporânea internacional, os autores aqui reunidos apontam para a centralidade com que esse debate se coloca nas universidades, mas também nos escritórios de governo e nas dinâmicas urbanas, intimamente tocadas pelos mercados e suas reconfigurações. Situações assim, por revelarem os pilares a partir dos quais se sustenta a ordem, a norma, o direito, os modos de conceber territórios sociais e físicos, sujeitos morais e seus corpos, fazem compreender também os nós centrais de operação do Estado e da economia contemporâneas. Situações que, portanto, ensejam conflito, reformulam o que se compreende por público, redefinem o que é plausível para uns, para outros, e nos levam a pensar o poder. Estas situações empíricas, não falam, ademais, de como as coisas deveriam ser, sob quaisquer pontos de vista. Falam

mais de um descompasso pragmático e situado entre o que a lei e a ordem social afirmam ser e aquilo que se constrói nas disputas travadas – e elas são travadas – a cada momento pesquisado.

Falam, portanto, daquilo que Vera Telles enuncia com precisão em seu artigo, o mais analítico do dossiê: de questões *politicamente sensíveis*. A autora nos mostra um texto denso em *insights*, como só ela pode produzir, mas também generoso o suficiente para ao mesmo tempo partir e se alimentar dos debates de uma já densa rede de pesquisadores de campo, tecida nacional e internacionalmente nos temas em questão aqui, que sempre teve em seu trabalho e sua trajetória uma referência fundamental. Rede que se amplia pela relevância das temáticas tratadas e pela tentativa de produzir um conhecimento que não se descole demasiadamente do mundo, que o capte em movimento.

A edição deste dossiê pretende contribuir, portanto, não para a síntese de um debate, mas para que sigamos ritualizando a co-produção intelectual entre diferentes disciplinas, instituições e formações, *entre* pessoas que, nos últimos anos, têm trabalhado com afinco e se encontrado frequentemente para discutir seus temas, produzindo-se nesse processo. É essa amizade intelectual, marcada por rigor acadêmico e compromisso com o mundo que está na base desse dossiê. O valor de cada um dos textos aqui reunidos é evidente, mas é em seu conjunto que seu potencial se apresenta com vida. Os organizadores agradecem a cada um dos autores, e também à edição criteriosa do Comitê Editorial da *Contemporânea* – Revista de Sociologia da UFSCar, composto por Richard Miskolci, Jorge Leite Jr., Fabio J. Bechara Sanchez e, em especial ao editor assistente, Danilo Moraes. Eles deram sentido ainda mais colaborativo ao que aqui se apresenta.